

Resenhas

John R. CLARKE

Roman Life 100 B.C. to A.D. 200.

New York: Abrams, 2007. 175 p.

ISBN 9780810993396.

John Clarke, historiador, professor da Universidade do Texas e também colaborador na Superintendência Arqueológica de Pompeia, publica obras na área da arte e arqueologia romanas, com enfoque na análise de pinturas, mosaicos e *grafitti* provenientes de Pompeia, Herculano e Ostia. Seus livros objetivam compreender as práticas cotidianas, gostos e crenças, também explorados em *Roman Life 100 B.C to A.D 200*, no qual ele apresenta e recria experiências de pessoas que viveram no Império Romano. A partir de evidências arqueológicas, o autor propõe explorar aspectos da vida cotidiana e os seus significados. O livro também vem acompanhado de um CD-ROM interativo, que permite ao usuário explorar uma casa pompeiana, a Casa dos Vetti, ricamente decorada e preservada.

Essa obra, dividida em nove capítulos, é voltada para o público em geral, não necessariamente para especialistas de estudos clássicos. Desse modo, Clarke optou por uma abordagem didática e lúdica, na qual narra algumas histórias, inspirando-se no artefato material encontrado nas cidades romanas. *Roman Life...* propõe conhecer o que significava a vida na Roma Antiga, para o que se torna necessário ir além do que está registrado nos textos.

Clarke afirma que, através dos estudos dos artefatos, há a possibilidade de se conhecer os sujeitos e o cotidiano daqueles que viveram há dois mil anos. Outro desafio ao qual o autor se propõe é instigar o leitor a responder “em que medida os romanos assemelham-se a nós?”. Tendo em vista que tanto europeus quanto americanos buscaram suas origens no passado clássico, muito se propagou a respeito deste povo, no entanto, o que se conhece é predominantemente baseado em literatura escrita por uma elite masculina. Assim, esse livro tem o intuito de apresentar indivíduos que, em sua maioria, ficaram relegados na historiografia tradicional.

No primeiro capítulo, *Life with the Gods*, Clarke evidencia duas práticas distintas: o culto oficial de um imperador e o culto de cidadãos comuns provenientes de Pompeia e Herculano. Inicialmente, o autor discute o monumento Altar da Paz, erguido em Roma por Augusto, com a finalidade de comemorar suas vitórias e também celebrar uma nova divindade, a Paz. Clarke aproveita esse monumento, que representa muitos personagens importantes em torno de Augusto, para descrever suas histórias de vida particulares. Após descrever um culto oficial, apresenta, em contrapartida, um dia na vida de um morador da Casa dos Vetti, em Pompeia; para narrar a vida deste sujeito, se baseia em uma pintura no *atrium* da sala dos funcionários, a qual representa um culto particular da família Vetti e “o guardião do espírito do clã dos Vetti”. Desse modo, o leitor pode ter uma visão ampla do que significavam os cultos no Império Romano.

Em seguida, no capítulo *Work*, Clarke mostra que os negócios estavam muito atrelados aos espaços domésticos. Para tanto, se reporta a *Aulus Vettius* para mostrar a rotina de um trabalhador de Pompeia; com um mapa ilustrativo da casa dos Vetti, exemplifica como eram compostas as divisões de um ambiente doméstico. Afirma que nessa casa, em particular, as negociações eram feitas no *atrium*; durante o dia, o espaço era destinado aos negócios e, à noite, para se servir o jantar. Citando as relações entre as famílias dos Vetti e de Eumachia – importante matrona da época –, Clarke afirma que seus negócios eram pautados na fabricação da lã e produtos manufaturados. Esse era, inclusive, um ramo de destaque em Pompeia, como é possível observar em algumas pinturas espalhadas pela cidade.

O terceiro capítulo, *The spoils of war*, trata dos despojos da guerra, discutindo, fundamentalmente, o monumento erigido por Trajano em homenagem ao exército romano, em forma de

coluna, com representações de aproximadamente 150 cenas e 2500 figuras, que mostram as maneiras pelas quais Roma e seu exército saíram vitoriosos de suas batalhas.

Em seguida, o historiador se refere aos *shows* romanos, mencionando inicialmente um dos grandes monumentos da cidade de Pompeia, o anfiteatro, patrocinado pelo cidadão Marcus Holconius Rufus, sacerdote de Augusto e o protetor da cidade, como mostram as inscrições locais. Após apresentar o monumento, Clarke discute alguns *grafitti* pompeianos com o tema dos gladiadores e enfatiza que, por volta do ano 200 a. C, Pompeia tinha um dos maiores e mais antigos anfiteatros da Campania; muitos vinham das cidades vizinhas para ver os espetáculos de gladiadores que ali ocorriam. Após os espetáculos, no capítulo seguinte, o autor aborda a vida noturna e a diversão entre os romanos, a vida nas “tabernas”. Clarke introduz sua abordagem narrando a história retratada em uma pintura, na qual dois amigos, Primus e Secundus, decidiram ir ao encontro de uma mulher, Amazonia, na Taberna de Salvus, onde seria servido vinho e os amigos se descontraíam com ela.

A próxima taberna que Clarke explora é a dos Sete Sábios’, e sua narrativa segue o padrão anterior: há uma história baseada em uma pintura pompeiana, cujos personagens também buscam diversão em uma taberna da cidade. Contudo, o autor destaca que a imagem, que retrata sete sábios, está acompanhada de *grafitti* de cunho satírico, a exemplo da inscrição localizada abaixo de um dos sábios: “*Ut bene cacaret ventrem palpavit Solon*”¹ (“Para defecar bem, Solon acariciou sua barriga”); outro fragmento próximo à inscrição diz “*(u)taris xylophongio*”² (“usar a esponja sobre a madeira”) – para Clarke, o fragmento, além de humorístico, denota hábitos higiênicos. Nesse capítulo, o autor destaca a cultura humorística entre os romanos, perceptível nas inscrições; eles estimavam o riso e a alegria, o que tira o estigma que se tem sobre a sociedade imperial, preocupada apenas com as conquistas e guerras.

Após abordar episódios humorísticos e hábitos higiênicos, Clarke descreve os banhos públicos, muito comuns entre os romanos. No sexto capítulo, *Baths and Bathing*, afirma que os banhos poderiam ser separados entre masculino e feminino ou partilhado por ambos os sexos. O ritual ligado aos banhos con-

¹ CLARKE, John R. *Roman Life 100 B.C. to A.D. 200*. New York: Abrams, 2007. p.102

² CLARKE, John R. Op. cit, p. 102.

sistia em se chegar ao camarim (um quarto onde se deixavam as vestimentas), ir para uma sala de exercícios, depois, passar por salas cada vez mais quentes, até chegar a uma piscina com água fria. Importantes nesse ritual eram os objetos apotropaicos – como as pessoas estavam muito expostas aos olhares, eram comuns nos camarins algumas imagens que provocassem risos ou objetos e representações de falos ou figas, pois se acreditava que assim se afastaria o mau olhado.

Em *Dinner Parties*, Clarke descreve a cultura em torno dos jantares e festividades. Acredita-se que no fim da República, os romanos abandonaram o hábito de sentarem-se em cadeiras em torno da mesa, substituindo-as por poltronas ou bancadas, geralmente com três tamanhos e alturas diferentes, sendo que as pessoas mais estimadas ficavam nas poltronas mais altas. Conforme alguns artefatos encontrados nas escavações, pode-se perceber que os romanos tinham muito apreço por objetos de prata; através de algumas pinturas, conhece-se também seu gosto pelos cristais.

Por fim, nos dois últimos capítulos, *Faces* e *Death and Fame*, Clarke apresenta o hábito romano de pintar e esculpir rostos, expressões individuais, além de discutir os cultos em torno da morte. Durante escavações em Pompeia, encontrou-se enorme quantidade de máscaras e bustos de mármore ou bronze e pinturas que registravam os semblantes de indivíduos específicos. Havia algumas inscrições caricatas, com a intenção de provocar o humor, relacionadas a algumas figuras importantes da cidade.

Nos rituais de morte, era comum entre os romanos a construção de mausoléus fora dos portões das cidades. As tumbas geralmente eram monumentais, para serem vistas pelo maior número de pessoas possível, a fim de preservar a memória e a imagem daquele que havia morrido. Um dado curioso é que, nas tumbas e nas pinturas que registravam os funerais, com frequência aparecem figuras de pigmeus e animais exóticos – acredita-se que eram amuletos contra os maus espíritos que assombravam tais espaços.

No capítulo conclusivo, Clarke afirma que sua proposta de analisar a cultura material ganha mais sentido quando vinculada a indivíduos específicos e circunstâncias, por isso a necessidade de dar nomes a alguns personagens, sobretudo no caso das pinturas, pois, em sua maioria, foram idealizadas por indivíduos que desejavam deixar registros de si.

Outro aspecto importante é a discussão sobre o que significava a casa para os romanos: percebe-se que eram espaços públicos, destinados aos negócios e cultos religiosos; em suma, a casa romana era símbolo de poder e status, não significando apenas um ambiente destinado à família nuclear, como a compreendemos contemporaneamente. Por fim, o autor responde à questão “os romanos são como nós?”. Para ele, a resposta é, definitivamente, não, exceto se pensarmos os romanos pelo viés da diversidade étnica, social, religiosa; sob esses aspectos, pode ser que se assemelhem a nós. Nesse sentido, Clarke afirma que a realidade romana era uma só e que os romanos eram um povo de enorme diversidade cultural, que aprenderam a conviver com toda a sorte de diferenças, as quais não seriam percebidas caso avaliássemos apenas os livros.

Desse modo, destaco que um estudo como este, que privilegia o cotidiano a partir da cultura material, possibilita compreender o mundo romano não como uma sociedade homogênea, mas formada a partir de uma pluralidade de sujeitos que muitas vezes foram desqualificados pela literatura canônica. Nessa perspectiva, o livro de John Clarke, embora não seja uma obra voltada para a comunidade acadêmica, apresenta reflexões pertinentes, sobretudo ao evidenciar diversidade cultural ao longo de todo o Império. Por fim, destaco a relevância do livro como um rico catálogo da cultura material romana, mesmo que o autor não problematize as fontes e faça uma abordagem lúdica acerca delas; por outro lado, enfatiza o quanto a cultura material permite explorar aspectos da vida cotidiana e proporcionar novas leituras a respeito do passado romano.

PÉROLA DE PAULA SANFELICE

Mestranda em História pela UFPR